



JACOBINOS NEGROS: NARRATIVA E INTERPRETAÇÃO DA REVOLUÇÃO HAITIANA EM C.L.R. JAMES

BLACK JACOBINS: NARRATIVE AND INTERPRETATION OF THE HAITIAN REVOLUTION IN C.L.R. JAMES

CORREA, Rubens Arantes ¹

<https://orcid.org/0000-0003-0095-7534>

RESUMO: A Revolução de Independência do Haiti no século XVIII suscitou reações contraditórias no mundo atlântico desde tentativas de seu silenciamento até o apelo ao medo e ao horror. Decorridos mais de dois séculos do único levante revolucionário vitorioso liderado por negros nas Américas, a revolução haitiana ainda hoje é objeto de revisões e debates historiográficos. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo retomar o acontecimento tendo por suporte a obra *Jacobinos Negros*, publicada originalmente em 1938 e cuja força narrativa consagrou duplamente o autor no caso Cyril L. R. James (1901-1989), e seu objeto, ou seja, a Revolução do Haiti. Pretende-se, pois, fazer um trabalho de história intelectual buscando situar o percurso e as redes de trocas de experiências profissionais, acadêmicas e ideológicas deste autor caribenho, bem como identificando, na obra, os elementos determinantes de sua escrita e narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Independência do Haiti. C. L. R. James. *Black Jacobins*.

ABSTRACT: The Revolution of Independence of Haiti in century XVIII raised contradictory reactions in the Atlantic world from attempts of its silence to the call to the fear and the horror. After more than two centuries of the only victorious revolutionary uprising led by blacks in the Americas, the Haitian revolution is still subject to historiographic revisions. In this sense, the present work has as objective to retake the event having as support the work *Black Jacobins*, originally published 1938 and whose narrative force consecrated doubly the author in the case Cyril LR James (1901-1989), and its object, that is the Revolution of Haiti. It is intended, therefore, to make a work of intellectual history seeking to locate the route and the networks of exchanges of professional, academic and ideological experiences of this Caribbean author, as well as identifying, in the work, the determining elements of his writing and narrative.

KEYWORDS: Independence of Haiti. C. L. R. James. *Black Jacobins*.

¹ Pós-doutorando em História pela UNESP de Assis (2022). Doutor em História pela UNESP de Franca (2014). Graduado em Licenciatura em História (1987) e Mestre em Ciências Sociais (2000) pela UFSCar. Professor EBTT do IFSP campus Birigui desde 2016. E-mail: rubens.arantes65@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A história do Haiti, desde o período colonial até o tempo presente, é marcada pelo épico e pelo trágico, conforme muito apropriadamente expressado por Gorender (2004). Segunda maior ilha em extensão no Mar do Caribe, menor apenas que Cuba, foi ocupada, desde tempos remotos, pelos indígenas da tradição Arahucos ou Arawak que, a partir do século XV com a conquista da região pelos espanhóis, foram submetidos a rápido processo de extermínio por meio do trabalho forçado, da fome, das doenças e da guerra. Popkin (apud TONET, 2017) calcula que em cerca de meio século de ocupação europeia a população nativa da Ilha Hispaniola (nome dado pelos conquistadores espanhóis à ilha que atualmente compreende a República Dominicana e Haiti) foi drasticamente reduzida a pouco menos de 60 mil indígenas.

Entre os séculos XVI e XVII a Ilha Hispaniola foi objeto de disputas entre potências mercantilistas ávidas por possessões na América, situação que coloca França e Espanha em permanente enfrentamento, encerrado com a assinatura de tratado ratificado na cidade holandesa de Ryswick, em 1697. A partir de então a Hispaniola foi dividida entre as duas metrópoles passando a porção oeste para o domínio da França – o São Domingos, que se tornaria, em pouco tempo, a colônia mais rica do império colonial francês, produtora, de acordo com Pons (1991) de açúcar, café, tabaco, algodão, anil e cacau.

Toda a riqueza de São Domingos era tirada da força de trabalho de negros arrancados do continente africano sempre em maior número à medida que a produção econômica da ilha atingia volumes extraordinários em produtos tropicais, alcançando no final do século XVIII cerca de meio milhão de negros escravizados. Tamanho quantitativo de mão de obra escrava, ainda que submetido a rígido sistema de controle, alimentou o caldo de cultura para o único caso de levante negro bem-sucedido nas Américas.

Em plena Era das Revoluções Burguesas uma revolta de negros escravizados e ex-escravizados fugiu completamente ao padrão iluminista de compreensão do que tinha, à época, por ideia de liberdade, igualdade e revolução, conceitos muito mais associados à noção de cidadão branco, letrado, e europeu, portanto, diferentemente do ocorrido na ilha de São Domingos, um levante, contemporâneo à Revolução Francesa, liderado por africanos e descendentes.

Da épica luta empreendida pelos negros do Haiti pela liberdade e independência alcançada em 1804 quando da Proclamação da República por Jean Jacques Dessalines sucede-se a tragédia que acompanha a ex-colônia francesa até o tempo presente. O isolamento internacional do país sob o pretexto de oferecer um exemplo a não ser seguido e

o risco do “haitianismo” que poderia se alastrar pelas demais regiões escravistas da América como Brasil, Cuba e Estados Unidos, associados às disputas internas pelo poder político arrastaram o Haiti para o caos e isolaram a ilha do sistema internacional de nações.

No decorrer de mais de dois séculos decorridos dos eventos que marcaram a Revolução do Haiti muitas representações literárias e historiográficas foram elaboradas na tentativa de compreensão do acontecimento. Embora num primeiro momento, como afirma Ferrer (2012), tenha prevalecido a abordagem do silenciamento até mesmo por parte de grandes historiadores que trabalharam a questão das revoluções no mundo Atlântico – E. Hobsbawm, J. Godechot, F. Furet, M. Ozouf -, por outro, surgem abordagens que revelam a relevância do Haiti e sua revolução, demonstrando que o acontecimento marcou profundamente as sociedades da América e da Europa.

Do ponto de vista literário, a Revolução do Haiti foi tema de *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier (1904-1980), obra publicada originalmente em 1949, na qual o escritor cubano-francês recria, dentro do universo do realismo mágico, o mundo haitiano desde o período colonial até a coroação de um rei negro na América. Mais recentemente Isabel Allende retomou o tema em seu livro *La isla bajo el mar* (2009) em uma narrativa em que promove a releitura da história pela ficção conduzindo o leitor a conhecer a história dos eventos relativos à revolução haitiana desde o período anterior à eclosão da rebelião dos negros até o processo de fuga dos franceses brancos para Nova Orleans, nos Estados Unidos.

Em termos de historiografia contemporânea, a revolução de independência do Haiti tem sido um permanente tema de pesquisa como revelam publicações dos anos 1990, dentre as quais *An Unthinkable History: the haitian revolution as a non-event* (1995), de Michel-Rolph Trouillot; *Avengers of the new world: the story of the haitian revolution* (2004), de Laurent Dubois; *Haitian Revolutionary Studies* (2002), de David Patrick Geggus; *African Americans and the Haitian Revolution* (2010), de Maurice Jackson e Jacqueline Bacon (ed.); *A concise history of Haitian Revolution* (2012), de Jeremy D. Popkin.

A despeito do recente interesse da historiografia pela questão, a Revolução do Haiti ficou mesmo marcada, do ponto de vista da construção histórico-interpretativa, por uma obra do final dos anos 1930 que a consagrou como evento histórico referencial para o entendimento da experiência afro no Atlântico americano. Trata-se de *Black Jacobins*, do trinitense, de C. L. R. James, objeto deste artigo, no qual se pretende efetuar um trabalho de história intelectual procurando situar o percurso e as experiências do autor caribenho, bem como identificar na obra, os elementos determinantes de sua escrita e narrativa.

C. L. R. JAMES: UMA TRAJETÓRIA POLÍTICO-INTELLECTUAL

De acordo com Sirinelli (2003) a partir da reconstituição dos itinerários individuais é possível tomar conhecimento das complexas redes de sociabilidade que estruturam a formação e as relações entre intelectuais, revelando sua forma de atuação pública e seu repertório ideológico, político, estético e artístico. A noção de itinerário, ainda segundo Sirinelli (2003), traz possibilidades de mapeamento do território do engajamento intelectual, permitindo estudar não só os grandes intelectuais como, também, os de menor expressão em uma determinada conjuntura histórica. Além disso, a recuperação dos itinerários individuais facilita identificar as contradições e alternâncias de um intelectual (ou de um grupo de intelectuais) em sua relação com o público e os diferentes espaços de sociabilidades.

Nesse sentido, quando trouxe a público seu livro *Jacobinos Negros*, Cyril Lionel Robert James, ou simplesmente, C.R.L. James, como viria a ser conhecido tanto no mundo acadêmico como na militância política, o mundo respirava os preparativos para a Segunda Guerra Mundial. Corria o ano de 1938 e a Alemanha sob Hitler após anexar a Áustria, selava um acordo com a Inglaterra e a França, tomando para o Terceiro Reich, a região dos Sudetos. Na contramão às teses de supremacia racial, defendidas pela extrema direita que ganhavam espaço no mundo inteiro e, justamente, num cenário marcado pelo radicalismo racial, surge um livro que resgata a épica luta de negros, escravos e ex-escravos, na pequena ilha de São Domingos, no Caribe, durante o século XVIII.

Cyril Lionel Robert James nasceu em Trinidad, ilha caribenha e colônia britânica à época, a 4 de janeiro de 1901. Seus pais pertenciam a uma geração de negros pós-abolição da escravidão, sendo seu pai professor de escola e sua mãe uma ávida leitora. (GRINSHAW, 1991). A infância e a juventude foram marcadas por uma formação escolar privilegiada – estudou no Royal Queen's College - e pela paixão pelo críquete, modalidade esportiva introduzida em Trinidad pelos colonialistas britânicos, e pela literatura. Críquete e literatura foram janelas para a inserção do jovem James na sociedade colonial britânica do Caribe:

James, como um menino crescendo em uma pequena sociedade colonial, absorveu tudo o que a civilização europeia lhe oferecia. Mergulhou em sua história e literatura, em seus fundamentos clássicos, em sua arte e música; ao mesmo tempo, rebelou-se contra sua educação formal e a autoridade do Queen's Royal College, a principal instituição da ilha, e seus mestres de escolas públicas britânicas. Ele era, como disse muitas vezes, “um menino brilhante”; mas estava determinado a seguir seu próprio caminho e estabelecer-

se independentemente no mundo”. (GRINSHAW: 1991, p.3)¹

Na década de 1930, James se muda para a Grã-Bretanha, passando a atuar em diferentes frentes envolvendo-se em atividades diversas como a de ativista político e a de articulista esportivo do *Manchester Guardian* escrevendo sobre críquete, ingressando no Partido Trabalhista Independente, além de aderir a IV Internacional Comunista, fundada em 1938, na França, por Leon Trotsky, líder revolucionário russo, à época vivendo como exilado em Paris.

Mas, também, conforme aponta Grinshaw (1991) a experiência em solo britânico deu a James a oportunidade de extravasar sua intenção de se tornar um romancista, fato que o levou a frequentar os ambientes disputados por artistas, autores de teatro, integrando-se à vida literária inglesa e aproximando-se de Edith Sitwell, poetisa e crítica literária de renome à época.

Dos exercícios literários e artísticos, propriamente ditos, interessa para James a linguagem do relato dramático, muito própria do teatro. Vai se apropriar dessa linguagem dramática teatral para construir sua narrativa acerca de personagens e fatos históricos reais, sobretudo, na construção de seu livro mais emblemático: *Jacobinos Negros*, de 1938:

O drama era uma forma pela qual James tinha um sentimento particular. Seu interesse por Shakespeare baseou-se na qualidade dramática da obra; e James reconheceu que o teatro fornecia a arena para explorar ideias “políticas” refratadas pelo caráter humano. Foi por meio da justaposição de personalidade e eventos que James procurou destacar alguns dos temas históricos e políticos mais amplos levantados pela revolução de São Domingos. (GRINSHAW:1991, p. 6)²

Sua adesão às teses marxistas e ao movimento trotskista, por outro lado, vão, também, exercer profunda influência em sua atuação intelectual, em sua visão de mundo e em seu esforço de construir uma escrita da história coerente com essa perspectiva ideológica, fato muito presente em textos que fez publicar nesse período, refletindo ora o problema colonial no Caribe e na África, ora a natureza da “revolução mundial”.

Aderir às teses da IV Internacional Socialista, contudo, não implicava para James em aceitar, automática e linearmente, certas definições e leituras da conjuntura histórica forjadas pela esquerda trotskista, sobretudo, as que advogavam o processo revolucionário em escala global tendo por matriz a Europa capitalista desenvolvida e que somente uma vanguarda treinada poderia ter sucesso em um processo de insurreição política.

1 Tradução livre do autor.

2 Tradução livre do autor.

Em seus estudos junto a arquivos documentais visando o levantamento de fontes para a composição de *Black Jacobins*, James percebe que tais teses não correspondem à realidade histórica e que a revolução do Haiti havia apresentado processo de desenvolvimento oposto ao padrão e concepção de revolução estabelecida pela esquerda trotskista.

É neste cenário que surge *Black Jacobins*, obra que vinha sendo pensada por James desde seus tempos de Trinidad e que foi precedido por uma peça que compôs em 1934 *Toussaint L'Ouverture*, a história da única revolta de escravos bem-sucedida da história, encenada por atores negros no Westminster Theatre de Londres, em 1936 (GRINSHAW, 1991). Com *Black Jacobins* e a biografia de Toussaint L'Ouverture, James está dialogando com suas influências – a narrativa dramática do teatro, a linguagem revolucionária do trotskismo –, intervindo propositalmente no debate público de seu tempo marcado pela ascensão do totalitarismo stalinista e nazifascista e pelas lutas de libertação colonial na África.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, James decide por radicar-se nos Estados Unidos onde dá prosseguimento às suas atividades políticas e intelectuais, atuando como palestrante em instituições acadêmicas norte-americanas e como militante do Partido Socialista dos Trabalhadores sendo um de seus fundadores através do qual passa a intervir no debate norte-americano sobre a questão do negro naquele país além de fazer publicar um panfleto intitulado “The Revolutionary Answer to the Negro Problem in the USA” (1948).

A atuação política culminou com sua expulsão dos Estados Unidos em 1953, levando-o novamente a fixar residência na Inglaterra, onde permanece até 1958, quando, então, decidiu retornar a Trinidad e Tobago, tomando parte, agora, na questão das lutas de libertação anticolonialista. Data, ainda, de sua permanência nos Estados Unidos a imersão no universo norte-americano da literatura, aproximando-se da obra do poeta W. Whitman e do romancista H. Melville, sobre quem produziu um estudo intitulado *Mariners, Renegades and Castaways: The Story of Herman Melville and the World We Live*. (1953)

A partir dos anos 1960, James volta-se para duas questões principais: os movimentos de independência na África e o problema da identidade do homem caribenho. Com a independência de Trinidad e Tobago, alcançada em 1962, passa a integrar o governo chefiado pelo Primeiro-Ministro Eric Williams, historiador e autor de *Capitalismo e Escravidão* (originalmente publicada em 1944), obra clássica sobre a questão da escravidão na América, na qual o autor caribenho estabelece, pioneiramente, a relação entre capitalismo industrial inglês e exploração colonial da América.

Entusiasmado com o movimento de libertação nacional em Gana, na África,

James passa a integrar e propagar os ideais do Pan-Africanismo bem como a defender a integração das ilhas caribenhas em uma Federação das Índias Ocidentais. Em 1968, em plena efervescência do movimento negro norte-americano, James é convidado a lecionar na Universidade de Columbia nos Estados Unidos, palco de inúmeras manifestações de setores ligados ao Black-Power.

Paralelamente às atividades políticas, sua atividade intelectual nos anos 1960 foi intensa destacando entre outras publicações *Beyond a Boundary* (1963), e *Party Politics in the West Indies* (1962), livro escrito a propósito da independência de Trinidad. Retorna, finalmente, à Inglaterra a partir dos anos 1970, período em que arrefece sua militância política. De suas publicações dessa sua última fase de produção intelectual, destaca-se o livro *Nkrumah and the Ghana Revolution* (1977), vindo a falecer em 1989 em Trinidad.

JACOBINOS NEGROS: TEXTO E CONTEXTO

The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution foi publicado, originalmente na Inglaterra em 1938, tendo reedições em 1963, 1980 e 1994, sendo esta última pela Editora Allison & Busby que passou a cuidar da obra de James após o seu falecimento em 1989. No Brasil a primeira tradução do livro data do ano 2000, portanto, 62 anos após a edição original. A obra é composta de treze capítulos acompanhados de um apêndice intitulado “De Toussaint L'Ouverture a Fidel Castro”, no qual James tece considerações comparativas sobre os processos revolucionários no Haiti e em Cuba.

Em preâmbulo escrito para a edição de 1980, o autor explica as motivações que o levaram a escrever a obra: o estado de “perseguição e opressão” em que viviam africanos e seus descendentes dentro e fora da África:

Convenci-me da necessidade de escrever um livro no qual assinalaria que os africanos ou os seus descendentes, em vez de serem constantemente o objeto da exploração e da feridade de outros povos, estariam eles mesmos agindo em larga escala e moldando outras gentes de acordo com as suas próprias necessidades. (JAMES, 1980: p.11-13)

Ao partir para a Inglaterra em 1932, James passa a trabalhar no sentido de realizar esse seu intento. Pesquisa arquivos ingleses e franceses vasculhando relatórios oficiais e correspondências de ministros, funcionários e militares. Na construção de seu universo de leituras estuda memórias, histórias militares, compêndios de história do comércio colonial, biografias, narrativas de viagens, além de clássicos da historiografia como Jules Michelet, autor de volumosa obra sobre a História da França e Jean Jaurès, autor de História Socialista da Revolução Francesa.

A tese de James é a de que a revolução do Haiti foi possível em grande medida, pelo fato de os escravizados já se encontrarem em um estágio altamente “organizado”, fruto do processo de “disciplinarização” imposto “pelo próprio mecanismo de produção fabril”. (1980, p.13). Tal nível de organização somado às “grandes transformações sociais que ocorreram no mundo entre 1789 e 1815” (1980, p.12) constituíram-se em fatores decisivos para o sucesso dos negros na luta contra a escravidão e pela independência de São Domingos.

Ainda nesta perspectiva do sucesso da revolução haitiana, James acrescenta o papel da “liderança individual”, observando que a “proeza singular” dessa revolução “foi quase totalmente trabalho de um único homem: Toussaint L’Ouverture”. (2010, p.15). De fato, como é revelador no próprio subtítulo da obra, James centraliza na figura de Toussaint todo o desenrolar dos acontecimentos e de sua narrativa. Para o autor, excetuando Napoleão Bonaparte, nenhuma outra figura foi tão excepcional, no contexto de 1789 a 1815, em matéria de “façanha” militar e “personalidade política” quanto Toussaint. (2010, p.15-16).

Fato revelador com relação à forma como James trabalha o seu objeto de estudo é o emprego de uma terminologia própria de seu tempo, tais como imperialismo, luta de classes, revolta das massas trabalhadoras etc., para demarcar o quadro histórico de um acontecimento do século XVIII-XIX. Escrevendo na primeira metade do século XX, numa época assolada pelas guerras e pelo totalitarismo – “... a artilharia pesada de Franco, a matraca do pelotão de fuzilamento de Stalin e a impetuosa e estridente agitação dos movimentos revolucionários...” (2010, p.17) – James olha o passado com os olhos de um militante da IV Internacional Socialista, balizando seu território ideológico a partir das noções da “teoria da revolução permanente” proposta por Leon Trotsky.

Tal influência pode ser percebida em seguidas citações a Lênin e a Trotsky, estabelecendo, em determinadas passagens do livro, comparações entre episódios da Revolução Francesa ou do próprio processo revolucionário haitiano com a Revolução Russa de 1917.

Jacobinos Negros foi publicado em um momento de propagação de nacionalismos extremistas e de concepções de superioridade racial. Tais questões suscitaram pesquisas nas Américas dispostas a investigar o problema da questão racial no continente tendo por resultado a publicação de obras pioneiras e fundamentais sobre o tema, sobretudo, entre os anos 1930 e 1940, dentre as quais Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre (1933), Capitalismo e Escravidão de Eric Willians (1944) e *Slave and Citizen* de Frank Tannenbaum (1947). No conjunto tais obras apontavam para a contramão da ideologia da supremacia racial enfatizando o papel no negro nas sociedades coloniais americanas dentre outros

aspectos.

A concepção textual de Jacobinos Negros é caracterizada, fundamentalmente, pela narrativa teatral na qual James alinhava os acontecimentos da Revolução de Independência do Haiti num determinado plano de imagens que lembram uma peça dividida em cinco atos: o cenário, os atores, a longa luta, o herói ébano, o desfecho épico.

ATO 1º. – O CENÁRIO: SÃO DOMINGOS, “A MAIOR COLÔNIA DO MUNDO”

O São Domingos francês fazia parte de uma grande ilha batizada por Colombo no final do século XV com o nome de Hispaniola. Depois de acirradas disputas por áreas coloniais no Novo Mundo, a França obteve por meio do Tratado de Ryswick do final do século XVII a posse definitiva da parte ocidental da ilha, ficando a Espanha com a parte oriental.

O cenário natural do São Domingues francês é assim descrito por James:

[...] uma ilha montanhosa com picos que se elevam a até dois mil metros acima do nível do mar. Dessas montanhas, brotam inúmeros riachos que se acrescentam em rios cujas águas irrigam os vales e as não poucas planícies que repousam entre as colinas. A proximidade do equador dá uma opulência fora do comum e diversidade natural dos trópicos [...] (p.40). Tal “prodigalidade da natureza” desencadeava no viajante europeu uma imediata sensação de “surpresa e admiração. (JAMES, 2010, p. 40-70)

A vida urbana encerrava-se a duas cidades: Porto Príncipe, capital administrativa da ilha que, apesar da condição oficial, oferecia poucos recursos urbanísticos e culturais; e Cap François, também conhecida por Le Cap e descrita por James como a “Paris das Antilhas”, tinha uma população estimada em cerca de vinte mil habitantes (“cuja metade era de escravos”, p.45), constituindo-se em importante e dinâmico entreposto comercial.

Em oposição ao marasmo da vida urbana – excetuando Le Cap – a vida em torno dos latifúndios era imensamente movimentada consumindo milhares de escravizados e gerando enorme prosperidade econômica. James descreve em valores o produto da riqueza produzida e extraída de São Domingos:

Por volta de 1754, [...], havia na ilha 599 fazendas de açúcar e 3379 de anil. [...] Em 1767 exportou quinhentas toneladas de anil e mil toneladas de algodão, uma certa quantidade de couro, de melado, de cacau e de rum. [...] Não era apenas em quantidade que São Domingos se sobressaía, mas em qualidade. Cada pé de café produzia uma média de meio quilo, igualando algumas vezes o de Mocha. O algodão crescia naturalmente, mesmo sem cuidados, em terreno pedregoso e até nas fendas das rochas. O anil também crescia espontaneamente. O tabaco tinha uma folha maior do que o de qualquer outra parte das Américas era comparável em qualidade ao produzido em Havana. A polpa do

cacau de São Domingos era mais ácida do que a da Venezuela e não lhe era inferior em outros aspectos (JAMES, 2010, p.56)

Toda essa riqueza era destinada à França que posteriormente exportava para outros centros consumidores da Europa dinamizando companhias de comércio, portos, refinarias de açúcar, centros comerciais e industriais. Enfim, São Domingos, em 1789, como aponta James, era o coração econômico da França que, nesse ano, dos cerca de 17 milhões de libras obtidas em exportações, 11 milhões foram provenientes da ilha caribenha. (p.60)

Associado aos grandes lucros obtidos pela metrópole e pelos colonialistas havia os grupos de comerciantes de escravos, normalmente constituídos não só de companhias francesas, mas também inglesas e holandesas. A importação de escravos acompanhava o ritmo vertiginoso da produção econômica da ilha. James aponta números ilustrativos para se entender quantitativamente o tamanho que representava o negócio envolvendo escravos: “Entre 1764 e 1771, a média de importação de escravos variava entre dez e quinze mil. Em 1786, era de 27 mil e, de 1787 em diante, a colônia passaria a adquirir mais de quarenta mil escravos por ano.” (p.65). Em 1789, ano da irrupção da Revolução na França, São Domingos contava com cerca de quinhentos mil escravizados, dos quais dois terços eram africanos de origem.

2º. ATO – OS ATORES: SÃO DOMINGOS, “UMA SOCIEDADE, VÁRIOS INTERESSES”

Ao se debruçar sobre a sociedade de São Domingos James faz uma análise das diversas categorias sociais e raciais que compunham São Domingos, demonstrando a oposição de interesses que estavam presentes no jogo dessa sociedade.

A classe dos proprietários brancos, por exemplo, estava permanentemente em conflito aberto com os representantes legais da metrópole francesa (governador, intendent...):

“Os latifundiários os odiavam. Além de exercer um poder absoluto, eram esbanjadores e extravagantes; a sua malversação era constante e vultosa, e tratavam os brancos locais com tamanha arrogância e eram tão sobranceiros que despertavam o rancor daqueles pequenos potentados com seus duzentos ou trezentos escravos.” (JAMES, 2010, p.46)

Os latifundiários se indispunham também com os representantes do poder judiciário na colônia, sobretudo, quando estes exigiam o cumprimento do Código Negro, uma espécie de aparato jurídico que regulava a relação entre senhores e escravos. Na realidade, os dispositivos previstos pelo Código Negro eram constantemente desobedecidos e negligenciados por parte dos latifundiários.

Havia ainda dentro da categoria racial branca outro grupo de interesses que entrava em choque com os latifundiários. Trata-se da burguesia marítima que defendia ferrenhamente a exclusividade comercial obrigando os latifundiários a negociarem somente com suas companhias. Dessa forma, “os latifundiários estavam à mercê da burguesia” (p.60).

Dentro da categoria étnica dos brancos havia distinção medida pela riqueza. Os brancos pobres, embora pobres, não eram submetidos ao tratamento destinado aos negros escravizados. De um modo geral essa casta era constituída por “administradores e capatazes” de fazendas, “pequenos advogados, notários, escriturários, artífices e meeiros na cidade”, além de “vagabundos, fugitivos da lei e das galés de escravos, devedores incapazes de pagar as suas contas, aventureiros à procura da sorte ou da fortuna fácil, criminosos de toda a espécie e homens de todas as nacionalidades”. (p. 45).

Abaixo da casta dos brancos, havia os “mulatos” e negros livres. Os “mulatos” gozavam de relativo prestígio social na medida em que conseguiram acumular riquezas e amealhar propriedades pois que não havia legalmente nenhum impedimento para esse fim. Eram desprezados pelos brancos, mas por força do preconceito racial disseminado por todos os poros da sociedade, os “mulatos” e os negros escravos odiavam-se mutuamente não existindo aí nenhuma simetria de interesses.

Por fim, na base da sociedade colonial de São Domingos estavam os escravizados. James relata desde as condições em que os negros eram capturados na África, transportados em condições degradantes, o que provocava alto índice de mortalidade, até finalmente chegarem à América Central. Eram, posteriormente, negociados no porto de Le Cap e levados, definitivamente, para os engenhos onde eram submetidos ao ritmo vertiginoso de trabalho típico dos regimes de plantation.

As relações entre senhores e escravizados eram marcadas pela violência extrema (James descreve diversas formas de castigos e torturas impostas pelos senhores ou seus prepostos contra os negros) aplicadas não só no sentido de obter maior produtividade do trabalho como também com o objetivo de intimidação disciplinar, visto que a maioria de negros escravos, conforme James, despertava receios e medos na minoria branca. Mesmo considerando os limites de um sistema brutal, James destaca as diversas formas de resistências dos negros escravizados contra o sistema escravista: suicídio, envenenamento assassinato de senhores e capatazes...

Ainda que o padrão nas relações entre brancos e escravizados fosse a violência, James destaca as diferenças de tratamento nas relações entre senhores e escravizados do

eito e senhores e escravizados domésticos, destacando a capacidade de alguns negros se aproveitarem das “brechas” dessa relação para tirarem proveito.

Importante ressaltar a existência em São Domingos colonial de um aparato jurídico que regulava as relações entre senhores e escravos muito embora este estivesse distante de sua aplicação prática, pois era permanentemente violado pelos brancos. Nesse sentido, James apresenta um modelo de sociedade tipicamente escravista, praticamente dividida em castas, onde a riqueza é critério de distinção entre brancos e a coloração da pele a distinção para as demais categorias.

3º. ATO – A LONGA LUTA: REVOLUÇÃO, LEVANTE E GUERRA

A queda da Bastilha em 14 de julho de 1789 abre um período de intensas lutas tanto em Paris como na colônia do Caribe. Entre tantas demandas em disputa estava a questão colonial cuja discussão tornou-se ainda mais intensa com a proclamação dos Direitos do Homem e do Cidadão a 26 de agosto de 1789 pela Assembleia Nacional, repercutindo intensamente em São Domingos.

“Mulatos” e negros livres organizaram comissões reivindicatórias exigindo a extensão dos Direitos de Cidadão também para os habitantes da colônia, acirrando ainda mais as hostilidades das castas brancas de São Domingos que passaram a perseguir e reprimir manifestações na ilha.

James descreve a trajetória das lutas em São Domingos tendo como pano de fundo a Revolução Francesa e suas vinculações com os acontecimentos na colônia. Cada passo tomado pela Revolução em Paris era acompanhado de perto pelos diversos grupos sociais de São Domingos: a burguesia marítima se colocou contra o fim do exclusivismo colonial e da escravidão; os latifundiários temerosos de perderem seus privilégios intensificaram a repressão; “mulatos” e negros livres exigiram o reconhecimento de seus direitos como cidadãos; negros escravizados organizaram-se tendo em vista a libertação.

O autor distingue três momentos nas lutas em São Domingos: 1º.) entre 1789 e 1791 – período de reivindicação via Assembleia Nacional através de sucessivas comissões de representantes da colônia junto ao Parlamento francês e internamente de forte repressão contra “mulatos”, negros livres e escravizados, culminando com a condenação à morte de dois precursores da luta anti-colonialista e antiescravista: Ogé e Boukman; 2º.) 1791-1793 – período de levante de escravizados sob a liderança de Toussaint L’Ouverture até o reconhecimento por decreto da emancipação dos escravizados em São Domingos; 3º.) 1793-1798 – período de invasão de São Domingos por forças inglesas e espanholas. Nesta

fase, Toussaint é nomeado pela Convenção, general e responsável pela organização das forças locais contra os invasores.

A expulsão dos ingleses pelas forças lideradas por Toussaint deu-se em definitivo em 1798. A ilha estava destruída economicamente devido aos inúmeros incêndios que tomaram conta dos canaviais e dividida politicamente em função dos diversos interesses conflitantes entre as castas de brancos, “mulatos” e negros livres, e agora os ex-escravos. Toussaint embora reconhecidamente já uma liderança naquele momento não conseguiu dar unidade às diversas forças em disputa. A França, agora sob o governo do Diretório, decidiu enviar expedição com objetivo de retomar o controle político-administrativo de São Domingos.

O novo mandatário francês, entretanto, entrou em litígio com Toussaint o que levou este a se demitir do comando em chefe das tropas coloniais. O conflito, no entanto, entre franceses legalistas e grupos coloniais pró-Toussaint, ficaram ainda mais acirrados, provocando a fuga do representante oficial do governo francês na colônia e a retomada do controle político por Toussaint.

4º. ATO – O HERÓI DE ÉBANO: O PROTETORADO TOUSSAINT

James se preocupa ao construir o perfil biográfico de Toussaint, “o cônsul de ébano”, em atribuir-lhe características de um herói descrevendo-o como o depositário moral dos valores republicanos, de liberdade e igualdade, acrescentando: “Sua presença tinha aquele efeito eletrizante característico dos grandes homens em ação.” (p.144). E acrescenta: “Toussaint tinha a primazia da liberdade e da igualdade, as palavras de ordem da Revolução. Elas eram grandes armas em uma era de escravos, mas armas devem ser usadas e ele as usou com a graça e a habilidade de um esgrimista.” (p. 146).

Toussaint nasceu em 1743 e aderiu ao movimento insurrecional dos negros aos 45 anos. Fora escravo de uma fazenda de gado ocupando a função de administrador tendo tido oportunidade de obter alguma educação formal:

Leu os Comentários de César, o que lhe deu uma certa ideia de política, de arte militar e da conexão entre ambas. Tendo lido e relido o vasto volume do Padre Raynal nas Índias Ocidentais e Orientais, ele adquiriu uma base completa em economia e política [...]. (2010, p.96).

James ressalta sua capacidade intelectual (“intelecto magnífico”), sua retidão de “caráter” e personalidade ativa. Aliado a isso, destaca sua visão como estrategista militar impecável comprovada ao longo de anos de lutas pela abolição da escravidão, pela expulsão

de ingleses e espanhóis e pela independência. Toussaint converteu-se politicamente ao ideário da República francesa da qual afirmava ser um “devoto”.

Ao assumir a administração de São Domingos já no contexto do Consulado Bonaparte tomou conhecimento da real situação da ilha, “devastada por doze anos de guerra civil e contra a ofensiva estrangeira” (p. 222). Tomou medidas enérgicas no sentido de retomar a produção econômica das fazendas, mesmo contrariando interesses de ex-escravos, empenhou-se por meio de “proclamações, leis e decretos” de promover a “igualdade racial”, a “tolerância religiosa” e a “educação pública”. (p. 227)

Em 1801 proclamou uma Constituição da ilha na qual reafirmava a abolição da escravidão, instituiu a igualdade racial, garantia a propriedade, inclusive para os que emigraram quando do período das guerras e, curiosamente, rejeitava qualquer separatismo, pelo contrário, jurava lealdade à França. Embora não aceitasse a subordinação da administração local à um agente do governo francês, Toussaint não se declarou abertamente a favor da independência de São Domingos.

O Protetorado Toussaint terminou em 1802 quando da decisão de Bonaparte de enviar uma esquadra à ilha sob o comando do general Leclerc com a finalidade de retomar o controle administrativo de São Domingos e restabelecer a escravidão. Toussaint foi preso e enviado para a França onde veio a falecer em 1803 devido às condições precárias a que foi submetido no cárcere. James assinala em uma das últimas cartas escritas por Toussaint que este mesmo preso injustamente sob a acusação de traição, ainda declarava sua lealdade a República e à França.

5º. ATO – O DESFECHO: A INDEPENDÊNCIA

James encerra seu livro com uma longa descrição do processo revolucionário que culminou com a Independência do Haiti (p. 264-342). A guerra de Independência desenvolveu-se no contexto das guerras napoleônicas na Europa.

Para a reconstrução dos episódios derradeiros da revolução haitiana, James valeu-se, sobretudo, de documentação primária como correspondências trocadas entre comandantes franceses enviados para São Domingos e ministros das colônias em Paris. Lançou mão ainda de memórias militares como as do general Pamphile de Lacroix que integrou a expedição de Leclerc enviado por Napoleão para retomar o controle da ilha e que publicou em 1819, portanto, pouco tempo após a declaração de Independência do Haiti, *Mémoires pour servir à l’histoire de La Révolution de Saint-Domingue*, em 2 volumes; e de histórias militares como a do general e diplomata haitiano Alfred Nemours, autor de *Histoire*

militaire de la Guerre d'Indépendance de Saint-Domingue, publicada em dois volumes na década de 1920 e a do coronel A. de Poyen que publicou em 1899 uma versão militar francesa sobre os eventos do Haiti intitulada *Histoire militaire de la Révolution de Saint-Domingue*.

Em 1802 uma esquadra armada sob o comando do general Leclerc foi enviada por Napoleão Bonaparte com a finalidade de retomar o controle político-administrativo de São Domingos, destituir os generais negros do comando da ilha e restituir a escravidão.

Com a prisão de Toussaint, o exército negro de São Domingos passou a ser comandado por Jean-Jacques Dessalines, Alexandre Sabes Pétion e Henri Christophe. As tropas francesas, por sua vez, comandadas, inicialmente, pelo general Leclerc foram praticamente dizimadas por doenças tropicais (inclusive o próprio comandante das tropas francesas, general Leclerc viria a falecer em função da febre amarela), assumindo o comando em seu lugar, o general Rochambeau.

Sob o comando de Rochambeau os combates se intensificam ganhando contornos dramáticos com o extermínio deliberado de “mulatos” e negros determinados pelos oficiais franceses desejosos da restauração da escravidão na ilha. Da parte dos negros de São Domingos liderados por Dessalines restava tão somente resistir lançando mão de estratégias várias dentre as quais o de provocar grandes incêndios a ponto de “no fim da guerra, o país era um deserto calcinado” (p. 327).

Em 1804, Jean-Jacques Dessalines declara a independência da ilha adotando o nome de Haiti e instaurando uma monarquia, autoproclamando-se Imperador Jacques I. Para a cerimônia de coroação, o Imperador negro do Haiti contou com presentes de mercadores da Filadélfia e de agentes militares de Sua Majestade da Inglaterra.

Após a independência, teve início a política de extermínio dos brancos de origem francesa. Para James, tal política foi muito mais prejudicial aos negros do Haiti independente do que aos próprios brancos, vítimas do massacre:

“O massacre dos brancos foi uma tragédia, mas não para os brancos. [...] A tragédia foi dos negros e dos mulatos. Aquela não era uma política e sim uma vingança, e a vingança não tem lugar na política. Os brancos não precisavam mais ser temidos, e esses massacres sem propósito degradam e brutalizam uma população, principalmente uma que estava começando a constituir uma nação e que tinha um passado tão amargo atrás de si.” (JAMES, 2010, p.338).

E conclui, dizendo, que os efeitos do extermínio sistemático de brancos acabaram por isolar o Haiti e arruiná-lo economicamente, fragilizando suas relações tanto externas

como internas, visto que a colônia, recém-independente, passou por sucessivos governos, em geral, fruto de golpes de Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorridos mais de 80 anos de sua publicação original, *Jacobinos Negros* de C. L. R. é como uma simbiose como se o acontecimento que inspirou a obra somente pudesse existir, no conjunto da história intelectual, pela construção de uma escrita que combina a linguagem teatral, pesquisa documental e repertório político-ideológico típico de uma época de radicalismos e muito bem vivida pelo seu autor.

A excepcionalidade da Revolução de Independência do Haiti tornou-a um caso emblemático de luta política na história. Suas consequências foram absorvidas das mais diferentes maneiras no continente americano, desde como o fantasma da insurreição de negros por parte da elite escravista das Américas até como inspiração de levantes conspiratórios nos mais diversos territórios do Atlântico, passando pelo esquecimento e silêncio, além do isolamento global da nascente nação haitiana.

Do ponto de vista da história intelectual, a Revolução do Haiti foi, igualmente, um caso único na medida em que inspirou a construção de uma obra não definitiva sobre o tema, mas sim, o retrato de uma época vivido intensamente por seu autor, C.L.R, James, que a usou para tomar lugar na discussão pública sobre o papel do negro na sociedade global, questionando os colonialismos, os imperialismos, e levantando a bandeira da legitimidade das lutas africanas por independência e do legado afro-americano na construção das identidades americanas.

BIBLIOGRAFIA

JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo, Boitempo, 2010.

JAMES, C. L. R. "Preâmbulo" (edição de 1980). In: *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo, Boitempo, 2010.

FERRER, Ada. A sociedade escravista cubana e a Revolução Haitiana. *Almanack*, Guarulhos, no. 3, p. 37-53, 1º. semestre de 2012.

GORENDER, Jacob. O épico e o trágico na história do Haiti. *Estudos Avançados*. 18(50), 2004.

GRINSHAW, A. C. L. R. *James: A Revolutionary Vision for the 20th Century*. New York: C.L.R. James Institut, 1991.

PONS, Franck Moya. La independencia de Haiti y Santo Domingo. In: BETHELL, Leslie



(ed.). *La Independencia*. Trad. Angels Solà. Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 124-153 (Coleção Historia de America Latina, vol. 5).

POPKIN, Jeremy D. *A concise history of the Haitian Revolution*. Oxford: Wiley-Black Well, 2012.

SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In: RÈMOND, René. (org.). *Por uma história política*. 2^a.ed., Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

TONET, Tatiana Pereira. Considerações histórico-literárias sobre a Revolução escravocrata de Saint-Domingue em *La Isla Bajo El Mar*. *Revista de Literatura, Historia e Memória*. UNIOESTE, Campus Cascavel, vol. 13, no. 21, 2017, p. 305-330.

Recebido em 05/05/2022

Aprovado em 10/12/2022